

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)**

ALESSANDRA SOARES FERREIRA

ANÁPOLIS – GO

2010

ALESSANDRA SOARES FERREIRA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)**

Estudo de caso apresentado a coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica.

ALESSANDRA SOARES FERREIRA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOPEDAGOGIA
CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)**

TCC apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis-GO, 02 de outubro de 2010.

APROVADA EM: _____ / _____ / _____ NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a.Ms. Sueli de Paula

Orientadora

Prof^a. Ms. Maria Inácia Lopes

Convidada

Prof^o. Ms. Antônio Fernandes dos Anjos

Convidado

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	5
2. Diagnóstico psicopedagógico.....	8
3. Análise dos instrumentos utilizados.....	11
3.1 – Análise da anamnese.....	11
3.2 – Análise da entrevista com o cliente.....	14
3.3 – Análise da entrevista com a professora.....	15
3.4 – Análise das sessões lúdicas centradas na aprendizagem.....	16
3.5 – Análise das provas de diagnóstico operatório.....	17
3.6 – Análise das provas projetivas.....	18
3.7 – Análise da hora do jogo.....	19
4. Hipótese diagnóstica.....	21
5. Encaminhamento.....	23
6. Conclusão.....	24
7. Bibliografia.....	25
8. Anexos.....	27

1. Apresentação

O presente relatório tem como origem o estágio supervisionado em Psicopedagogia Clínica, que teve como objetivo o diagnóstico clínico de uma criança.

A Psicopedagogia emerge da necessidade de se compreender o processo de aprendizagem humana e suas dificuldades como um processo individual, em que a trajetória da construção do conhecimento é valorizada e entendida como parte do resultado final.

Para BOSSA,

A psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda – o problema de aprendizagem, colocado em um território pouco explorado, situado além dos limites da psicologia e da própria pedagogia – e evoluiu devido a existência de recursos, ainda que embrionários para atender a essa demanda, constituindo-se assim em uma prática (2007, p.24).

Conclui-se então que a psicopedagogia é um campo de conhecimento que lida com o processo de aprendizagem, seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio – família, escola e sociedade – no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios.

A ação psicopedagógica visa melhorar a compreensão do processo de aprendizagem e suas repercussões no desenvolvimento do indivíduo, identificando sua apropriação do conhecimento, evolução e fatores interferentes, propiciando o reconhecimento, tratamento e prevenção das alterações da aprendizagem.

Para BOSSA,

...a psicopedagogia estuda as características da aprendizagem humana: como se aprende como essa aprendizagem varia evolutivamente e está condicionada por vários fatores, como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las (2007, p.24).

Ainda segunda a autora, ora em comento, esse objeto de estudo que é um sujeito a ser estudado por outro sujeito, adquire características específicas a depender do trabalho clínico ou preventivo (p. 24).

A psicopedagogia possui um caráter clínico e preventivo, onde o primeiro visa buscar as causas para o problema de aprendizagem instalado e o segundo estuda as condições evolutivas da aprendizagem direcionando caminhos para um aprender eficaz.

BOSSA ressalta que

O trabalho clínico se dá na relação entre um sujeito com sua história pessoal e sua modalidade de aprendizagem, buscando compreender a mensagem de outro sujeito, implícita no não aprender. No trabalho preventivo, a instituição, enquanto espaço físico e psíquico da aprendizagem, é objeto de estudo da psicopedagogia, uma vez que são avaliados os processos didático-metodológicos e a dinâmica institucional que interferem no processo de aprendizagem (2007, p. 24).

O psicopedagogo, portanto, tem como função identificar no sujeito sua estrutura, suas transformações e as influências do meio nessas transformações bem como o seu relacionamento com o aprender. Isso exige deste profissional, conhecimento na construção do conhecimento e sua relação com fatores, capazes de influência, tais como emocionais sociais, pedagógicos e orgânicos.

Inicialmente todo embasamento teórico fora emprestado das áreas da Psicologia e da Pedagogia, porém, não suficientes; entraram em cena as áreas da Filosofia, Neurologia, Sociologia, Psicolinguística e a Psicanálise.

Para a identificação dos entraves no processo de aprendizagem humana, o psicopedagogo utiliza o diagnóstico psicopedagógico, que consiste em uma investigação com parâmetros definidos, cujo objetivo é encontrar as causas de uma queixa proveniente do sujeito, da família ou da escola. O foco se situa no obstáculo que impede esse sujeito de trilhar com sucesso o caminho do conhecimento. Seu objetivo é compreender a forma de aprendizagem e seus desvios durante esse processo, que acarretam um problema de aprendizagem.

Para FERNÁNDEZ, “o diagnóstico para o terapeuta deve ter a mesma função que a rede para um equilibrista (1991, p.23)”.

O diagnóstico, portanto se constitui como a base que dará suporte ao psicopedagogo na elaboração do encaminhamento necessário. Nesse processo, o profissional investiga e levanta hipóteses que serão confirmadas ou não durante a realização do mesmo.

Para WEISS,

O objetivo básico do diagnóstico psicopedagógico é identificar os desvios e os obstáculos básicos no modelo de aprendizagem do sujeito, que impedem de crescer na aprendizagem dentro do esperado pelo meio social (2003, p.32).

No diagnóstico clínico, o psicopedagogo poderá utilizar os seguintes instrumentos: anamnese, provas operatórias (Piaget), provas projetivas (desenhos),

sessões lúdicas centradas na aprendizagem, Observação frente à produção do sujeito, dentre outras. É composto de 08 a 10 sessões, sendo 02 por semana, com duração de 50m cada.

Durante a realização do diagnóstico psicopedagógico é de suma importância a relação sujeito - psicopedagogo, tendo em vista que na comunicação entre ambos tudo deverá ser analisado (a fala, os gestos, os silêncios, dentre outros).

Segundo FERNÁNDEZ “O escutar e o olhar do terapeuta vai permitir ao paciente falar e ser reconhecido e ao terapeuta compreender a mensagem (1997, p. 131)”.

Durante o estágio que aconteceu nos meses de junho e agosto de 2010, foram realizadas 10 (dez) sessões de diagnóstico, sendo atendida a criança C*¹, de 09 (nove) anos de idade, do sexo feminino, cursando, pela segunda vez, o 2º ano do Ensino Fundamental de 1ª fase.

A queixa familiar foi feita pela tia, responsável pela criança e a queixa escolar pela professora regente, ambas em consonância: a mesma não sabe ler e nem escrever.

2. DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO

O diagnóstico psicopedagógico compõe-se de diversas etapas, que se distinguem entre si, tendo em vista o objetivo da investigação.

Para BOSSA,

O processo psicopedagógico é um processo, um contínuo sempre revisável, onde a intervenção do psicopedagogo inicia segundo vimos afirmando, em uma atitude investigadora, até a intervenção (2007, p.94).

O termo diagnóstico vem do grego *diagnósticos* e significa discernimento, faculdade de conhecer. Nesse contexto, conhecer requer a análise de aspectos, características e relações que refletem no processo de conhecimento humano, onde podem ser utilizadas observações, avaliações e interpretações que resultam na descoberta da situação do aluno com dificuldades de aprendizagem, tanto no ambiente escolar quanto no familiar.

1 O nome da criança não será mencionado por motivos de privacidade.

O diagnóstico psicopedagógico engloba professor, aluno e conhecimento transmitido pela escola, em destaque na sala de aula.

Os fundamentos de um diagnóstico ressaltam em tempo, um lugar e um espaço afetado por quem aprende e por quem ensina.

O papel do psicopedagogo frente às dificuldades de aprendizagem é analisar a situação e diagnosticar os problemas e suas causas, compreendendo o sujeito em suas diferentes dimensões para assim ajudá-lo a reencontrar seu caminho e assim superar as dificuldades.

Para a realização deste estágio foram utilizados os seguintes instrumentos:

2.1 – Entrevista familiar (anamnese): O termo anamnese vem do grego *ana* (remontar) e *mneses* (memória) e consiste em retomar o passado do paciente, sob a orientação do terapeuta. O objetivo é organizar e sistematizar os dados do sujeito, de tal forma que se oriente determinada ação terapêutica com sua respectiva avaliação de sua eficácia, fornecer subsídios para prevenir o prognóstico e também auxiliar no melhor atendimento ao paciente. Segundo FERNÁNDEZ (1991) “a anamnese privilegia, na história do paciente, o relato de situações a partir dos quais se obtêm a modalidade de aprendizagem.”

2.2 – Entrevista com o cliente: Objetiva compreender a queixa nos âmbitos escolar e familiar, a expectativa da criança em relação ao psicopedagogo e a aceitação do mesmo no processo de diagnóstico.

2.3 – Entrevista com a professora: Visa conhecer a criança pelo “olhar” da professora e assim relacionar com a queixa, auxiliando no diagnóstico.

2.4 – Sessões lúdicas centradas na aprendizagem: As sessões lúdicas foram fundamentais para a compreensão dos processos cognitivos, afetivos e sociais. BOSSA, citando PAÍN reforça a aprendizagem pelo lúdico, ressaltando que,

O exercício de todas as funções semióticas que supõe a atividade lúdica possibilita uma aprendizagem adequada, na medida em que é através dela que se constroem os códigos simbólicos e signálicos e se processam os paradigmas do conhecimento conceitual, ao se possibilitar, através da fantasia e do tratamento de cada objeto nas suas múltiplas circunstâncias possíveis (2007, p.109).

2.5 – Provas de diagnóstico operatório: Especifica o nível pedagógico, a estrutura cognitiva e/ou emocional da criança analisada. Ressalta-nos DONELL

que

As provas de diagnóstico operatório permitem determinar as potencialidades do pensamento da criança através do estudo do grau de aquisição de cada uma das noções que se pesquise, quer dizer, procura-se explorar até que ponto estão obtidas ou não tais noções em uma estrutura operatória e se os conceitos da criança resistem às contra-argumentações que são formuladas (1994, p.06)

2.6 – Provas projetivas: Para VISCA (1995), “o objetivo é investigar os vínculos que o sujeito pode estabelecer em três grandes domínios: escolar, familiar e consigo mesmo”. As provas aplicadas foram:

- **Par educativo:** Investiga os vínculos da aprendizagem.
- **Família educativa:** Estuda os vínculos de aprendizagem com o grupo familiar e cada um dos integrantes do mesmo.
- **Eu e meus companheiros:** Estuda o vínculo de aprendizagem com os companheiros de classe.

2.7 – Hora do jogo: Instrumento de intervenção educativa e reeducativa frente à aprendizagem. Favorece o aprender ou romper com os problemas de aprendizagem, sejam os reativos ou de sintoma/inibição. FERNÁNDEZ (1991) afirma que “não se pode haver construção do saber se não se joga com o conhecimento.”

2.8 – Jogo de regras: BOSSA (2007 p. 109) designa o jogo como uma atividade criativa e curativa, pois permite à criança que se reviva as situações dolorosas, enunciando as expectativas da realidade.

O jogo de regras é caracterizado como um conjunto de leis impostas por um grupo e uma forte competição entre os indivíduos, pressupõe-se a existência de parceiros e um conjunto de obrigações (as regras), o que lhe confere um caráter social.

3 – ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS.

3.1 – ANÁLISE DA ANAMNESE (ANEXO I)

Para WEISS, “o objetivo da anamnese é colher dados significativos sobre

a história de vida do paciente (2003, p.61)”.
Através da anamnese, o psicopedagogo descobre informações sobre o passado e o presente do aprendente, bem como as variáveis existentes no meio em que convive; a visão da família sobre a história da criança (preconceitos, afetos, conhecimentos, expectativas, enfim tudo o colocado sobre a mesma).

Mergulha-se no passado, retomando o início da vida do paciente e da família, extraíndo o máximo de informações possíveis.

Mergulha-se no passado, retomando o início da vida do paciente e da família, extraíndo o máximo de informações possíveis.

C*. é a filha mais velha de 03 (três) irmãs por parte de mãe e de 01 (um) irmão por parte de pai. Seus pais se separaram quando ela tinha 02 (dois) anos de idade, com a alegação do pai de que “sonhava” com um filho menino e a esposa agora tinha 02 (duas) meninas, porém outra mulher lhe havia proporcionado um filho. A mãe de C*., ao receber a notícia, abandonou as filhas e a tia B* , irmã de sua mãe, as acolheu. A mãe então vai embora com um rapaz que conheceu em um parque de diversões. Fica sem manter contato por 02 (dois) anos.

Percorrido esse tempo, a mãe reaparece grávida, com a saúde agravada, o que resulta em morte para o bebê. Ela então se separa do pai da criança e passa a morar com a irmã e as filhas. Logo em seguida, conhece outro rapaz e engravida novamente. Nasce então a 3ª irmã de C*.

O pai de C*. não quis nenhum contato com as filhas e se mantém assim até os dias atuais, apesar de receber inúmeros convites de C*. para participar dos eventos que envolvam os pais (dia dos pais).

A mãe de C*. a exclui, segundo a tia B*., por se parecer com o pai e isso é nítido a todos. Se C*. se pede algo, a mãe xinga, bate e grita com ela.

Para da tia de C*, ela é uma criança calma, que deseja muito aprender a ler, porém é “avoada” como a mãe, se distraiu com facilidade e diz constantemente que é gorda e feia.

C*. e suas irmãs já passaram uma noite no Conselho Tutelar, devido a uma denúncia anônima. A tia B*. foi buscá-las, pois a mãe não se sensibilizou a fazê-lo.

Dificuldades de aprendizagem aparecem, muitas vezes, por inúmeros fatores, tais como: afetivos, emocionais, orgânicos, ambientais, psicógenos, dentre outros. Para C*., pode se inferir que o aspecto afetivo se sobressai, tendo em vista a exclusão da mãe, a falta de contato e de um relacionamento mãe e filha, desde mais

tenra idade.

Sua amamentação foi interrompida com a gravidez da mãe, neste contexto, o acolhimento e o toque, integrantes do ato de amamentar e fundamentais para a formação da personalidade, do caráter e da capacidade de ser feliz, ou seja, necessários ao desenvolvimento sadio do ser humano, foi-lhe então negado.

Segundo WINNICOTT (1994),

A mãe está assentando, sem que saiba, as bases da saúde mental, a mãe se agir de forma adequada estará também criando os fundamentos da força e do caráter e da riqueza de personalidade do indivíduo. A partir de tal base positiva, o indivíduo tem, com o passar do tempo, uma oportunidade de lançar-se no mundo de uma forma criativa de desfrutar e usar tudo aquilo que o mundo tem a lhe oferecer, inclusive o legado cultural (1994, p.20).

O abandono ofertado pela mãe de C*, acarretou , segundo GOLSE (1998), não em uma frustração, mas uma angústia de aniquilação que chega a ameaçar a existência do ser.

Nós, seres humanos, nos tornamos pessoa pela relação estabelecida com outra pessoa, portanto se não nos é oferecido um ambiente, principalmente familiar, acolhedor e estável, capaz de abrigar nossas necessidades, a subjetividade de cada um estará então, comprometida.

A volta da mãe de C*. lhe traz expectativa em rever-la e também uma surpresa, uma nova gravidez e portanto uma nova irmã (o). Porém C*. precisa lidar com o luto e não com a alegria do nascimento. Apesar dos poucos detalhes apresentados na anamnese, podemos refletir sobre o possível reflexo, desse acontecimento, na sua aquisição do conhecimento, hoje.

Outro aspecto a ser mencionado é o nascimento de sua irmã e seu irmão (por parte do pai), onde podemos questionar em que lugar fica a vida de C*.

A família é fundamental para a formação do sujeito, tendo em vista ser o primeiro grupo social do qual se faz parte.

Muitas vezes, um sintoma pode aparecer no corpo, no afeto, no organismo, ou na cognição, para C*. esse sintoma reflete não apenas em sua cognição como também em sua autoestima, claro na declaração da tia B*, aos dizer que a mesma diz constantemente que é feia e gorda.

Para FERNÁNDEZ, “Todo ser humano acha-se transversalizado por uma rede particular de vínculos e significações em relação ao aprender, conforme o seu grupo familiar (1991, p.92).”

O sintoma apresentado por uma criança, pode revelar situações pela qual uma família viveu ou está vivenciando e o psicopedagogo precisa da sensibilidade para ler nas entrelinhas o que está ocorrendo para assim, conduzir seu aprendente rumo a uma solução adequada.

C*. apresenta um histórico familiar marcado pela perda, primeiro dos pais, depois da irmã (o), e logo após da capacidade de se encontrar com o mundo mágico das letras, tendo em vista ainda não assimilar bem nem o alfabeto.

Para RUBINSTEIN,

Geralmente as pessoas que vivem o fracasso escolar, vêm marcadas por múltiplos insucessos nos vários lugares que ocupam na família, no grupo social, onde percebem que não dão conta de responder às expectativas dos outros, estando sempre aquém (1999, p. 21).

A criança C*. exemplifica bem o supracitado, tendo em vista que seus pais não oportunizaram a mesma, um lugar no neste mundo. Ao adentrar as portas da escola, C*. já não se considerava alguém (até o presente isso acontece), o que possivelmente a impede de percorrer os caminhos da aprendizagem.

Ainda segundo RUBINSTEIN (1999),

A aprendizagem tem a função de adaptação. Podemos considerar a aprendizagem equivalente ao instinto de conservação. Ao contrário dos animais, o ser humano quando nasce não é nada até que possa aprender com o outro em uma relação amorosa (1999, p.22).

3.2 – ENTREVISTA COM O CLIENTE (ANEXO II)

RUBINSTEIN menciona que,

A intervenção psicopedagógica focaliza o sujeito na sua relação com a aprendizagem. A meta do psicopedagogo é ajudar aquele que por diferentes razões, não consegue aprender formal ou formalmente, para que consiga não apenas interessar-se para aprender, mas adquirir ou desenvolver habilidades para tanto (1999, p.25).

Ao ser questionado em relação ao motivo de sua consulta, C*. foi bem categórica: “Por que eu quero aprender a ler e escrever”.

Diferente do que fora mencionado pela tia B*., durante a entrevista, C*, conversou bastante, cantou e questionava a todo momento se tinha filhos. Relativo a esse momento, onde me é questionado se tenho filhos, quantos são te brincam

muito, se estuda, qual sua idade, é perceptivo a necessidade de aceitação da mesma, por mim, em meu universo, ou seja, sua preocupação em saber se será aceita.

Para LACAN apud MENDES (1994), “ é através da fala que emerge se manifesta o desejo, ao se encarnar numa palavra e surgir com um simbolismo (p.60)”.

C*. relata que aos finais de semana, passeia com a mãe, o pai (?) e as irmãs na feira e compram verduras e pipoca, também passeiam no parque de diversões. A família internalizada por C*. é na verdade uma família idealizada, fruto apenas de sua imaginação, afinal seus pais são separados. A figura do parque de diversões pode simbolizar um retorno a seu passado, onde C*. “perdeu” sua mãe para o homem que trabalhava em um.

Será então que C*. parou nesse momento de sua vida é não consegue retornar?

Esse simbolismo é descrito como um mecanismo de ajustamento, denominado negação, que segundo COUTINHO (1999), “implica na percepção do mundo tal como a pessoa desejaria que ele fosse não como ele realmente é”.

3.3 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA (ANEXO IV)

Segundo FERNÁNDEZ, “para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos (1991, p.)”.

A professora de C*. concluiu o curso magistério e atualmente cursa Psicologia. A criança está em sua sala de aula há 02 anos (ela é repetente) e ainda não sabe ler e nem escrever, apesar dos inúmeros esforços proporcionados pela mesma.

Sua proposta para a construção do conhecimento em sala de aula, é a construtivista, determinada pela Secretaria Municipal de Educação e aplicada pela escola em que atua.

FERNÁNDEZ destaca que, para muitos professores, a queixa constitui uma transação, através da qual denunciam seu mal-estar. Ao mesmo tempo, confirmam o *status quo* com suas posturas resignadas, assegurando, assim que nada muda. (1994, p. 110).

A queixa apresentada pela professora M*, é de que C* não sabe lê e nem escrever, o que dificulta a aquisição do conhecimento proposto em sala de aula e seu acompanhamento com os demais alunos.

A M* mora perto da casa de C* e há algum tempo houve uma discussão entre as famílias de ambas, esse não pode ser um obstáculo na transmissão do conhecimento?

3.4 – SESSÕES LÚDICAS CENTRADAS NA APRENDIZAGEM (ANEXO V)

As sessões lúdicas permitem à criança, acesso à fantasia, desejos, impulsos, afetos, conflitos, ansiedades, defesas, dentre outros que emergem de forma indireta, comunicando conflitos até então camuflados.

Foram realizadas as seguintes sessões lúdicas:

1. **Desenho livre:** Objetiva demonstrar o mundo interior de C*, fazendo uma junção entre seu pensamento e sentimento.
2. **Jogo de regras:** Foi utilizado o jogo da velha, com o objetivo da socialização da aprendente com a psicopedagoga, a interação afetiva, social, motora e cognitiva e favorecer a concentração.
3. **Colagem:** Visa o contato da criança com seu mundo, através das cores e do manuseio dos materiais empregados.

As atividades lúdicas informam sobre a organização e integram conhecimento em nível representativo da criança. Pela observação, pode-se perceber os desequilíbrios das atividades assimilativas e acomodativas, apontando assim os obstáculos no processo de aprendizagem.

WINNICOTT (1975) menciona que, é no brincar e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (1975, p.80).

Por esse e outros motivos, é de suma importância o processo lúdico no trabalho psicopedagógico.

3.5 – PROVAS OPERATÓRIAS (ANEXO VI)

Para VISCA, “A aplicação das provas operatórias têm como objetivo determinar o nível de pensamento do sujeito, realizando uma análise quantitativa e reconhecendo as diferenças funcionais realizando um estudo predominantemente qualitativo (1995, p.11)”.

Os resultados obtidos são agrupados da seguinte forma:

1. **Nível 1:** ausência total da noção aplicada.
2. **Nível 2:** Instabilidade em relação à operação aplicada, as respostas apresentam oscilações de resposta.
3. **Nível 3:** Aquisição do nível operatório aplicado.

As provas aplicadas durante o estágio foram:

- **Prova de intersecção de classes:** Com relação à prova de classificação : intersecção de classe, as respostas de C* são compatíveis, de acordo com DONELL (1994, p. 20), com respostas de nível 3 – pensamento operatório concreto.
- **Prova de quantificação da inclusão de classes:** Com relação à prova de classificação : inclusão de classes , as respostas de C* são compatíveis, de acordo com DONELL (1994, p. 21), com respostas de nível 2 – condutas intermediárias – etapa da passagem do pensamento intuitivo articulado para o operatório concreto.
- **Prova de conservação da quantidade de matéria:** Com relação à prova de conservação : peso, as respostas de C* são compatíveis, de acordo com DONELL (1994, p. 31), com respostas de nível 1 – não conservação – pensamento intuitivo articulado.
- **Prova de conservação de volume:** Com relação à prova de conservação: volume, as respostas de C* são compatíveis, de acordo com DONELL (1994, p. 34), com respostas de nível 1 – ausência de conservação - pensamento operatório concreto.
- **Prova de conservação de comprimento:** Com relação à prova de conservação: comprimento ou distância, as respostas de C* são compatíveis, de acordo com DONELL (1994, p. 38), com respostas de nível 1 – ausência de conservação de comprimento – pensamento intuitivo articulado.

3.6 – PROVAS PROJETIVAS – DESENHOS (ANEXO VII)

As provas projetivas aplicadas tiveram o objetivo de conhecer os vínculos que C*. estabelece com a escola, com a família e consigo mesmo.

Os indicadores encontrados em cada prova foram:

- **Família educativa:** A ausência no desenho da atividade de cada pessoa, bem como dos objetos com os quais se realizariam determinadas atividades permitem o levantamento da hipótese de que C*. responde negativamente ao que cada membro de sua família sabe e os modelos de aprendizagem que possuem e transmitem. As idades dos personagens..
- **Par educativo:** O professor encontra-se de costas para o aluno, o que pontua uma total impossibilidade de surgir uma relação vincular entre professor – aluno – conhecimento, o que impede a troca de experiências, de informações e de conhecimentos. Portanto compromete a construção de conhecimento e a aprendizagem.
- **Eu e meus companheiros:** C*. não se encontra desenhada o que se pode inferir que há um inibição para a integração da mesma no grupo. As crianças apresentadas não fazem parte de sua sala de aula e sim de seu bairro, o que representa a exclusão da mesma em seu ambiente escolar.

3.7 – HORA DO JOGO (ANEXO VIII)

A hora do jogo é um recurso diagnóstico pedagógico e psicopedagógico, uma estratégia para compreender os processos que podem ter levado à estruturação de uma patologia no aprender.

FERNANDEZ (1990), em consonância com PAÍN (1986), supõe que a hora do jogo favoreça o conhecimento de aptidões como criar, refletir, organizar e integrar nas crianças que a concluem.

É frequente durante a hora do jogo, o mostrar-ocultar-esconder do mundo interior das crianças, em virtude de ser uma atividade dirigida.

No campo da aprendizagem, a hora do jogo menciona como a criança aprende, que coisas aprende, qual significado do aprender, como ela se defende do objeto do conhecimento e que operações mentais estão sendo utilizados. Neste contexto, reflete manifestações de fraturas no aprender.

Durante a realização da hora do jogo com C*. a mesma abre a caixa e inicia uma leitura com as figuras dos livros, sem mencionar nenhuma palavra escrita. Se encanta com as histórias onde são apresentadas mãe e filhas, brincando. Assim C*. constrói suas histórias de acordo com as figuras representativas de cada página do livro.

Em seguida manuseia o alfabeto móvel e começa a montar o alfabeto. Suas construções foram:

- BACDE
- BDÇAEFGJKMNT

Em cada montagem, questiona se está correta a colocação das letras.

Passa então a montar as peças de encaixe, primeira uma sobre a outra, separadas por tamanho, depois agrupa por cores.

A modalidade de aprendizagem apresentada por C*. durante a realização da hora do jogo, é a **hiperacomodação**, que acontece conforme PAÍN (1985, p. 47) quando há uma superestimulação da imitação. A criança pode cumprir as instruções atuais, mas não dispõe de suas expectativas nem de sua experiência prévia com facilidade e a **hipoassimilação**, onde a mesma autora sugere que os esquemas de objeto permanecem empobrecido, bem como a capacidade de coordená-los. Isso resulta num déficit lúdico e na disfunção do papel antecipatório da imaginação criadora, segundo PAÍN (1985, p.47).

4 – HIPÓTESE DIAGNÓSTICA

As experiências vividas por todo ser humano tanto escolar quanto familiar, refletem em seu estilo de vida futuro. Ao adentrar no âmbito escolar, é iniciada uma nova fase, pois a criança se depara com um mundo totalmente diferenciado do seu habitual. Esses fatores estruturam a formação da personalidade que se encontra em desenvolvimento, indicando assim um modalidade de aprendizagem.

Segundo FERNANDEZ,

... modalidade de aprendizagem, quer dizer, uma maneira pessoal de aproximar-se do conhecimento e para conformar seu saber. A modalidade de aprendizagem é como um molde, um esquema de operar que vamos utilizando nas diferentes situações de aprendizagem (1991, p.107).

PAÍN (1985) defende que cada pessoa tem sua modalidade de aprendizagem centrada no processo assimilativo-acomodativo, construída a partir do seu nascimento, significando que cada pessoa tem uma maneira pessoal, uma matriz para entender o real e assim se aproximar do conhecimento e realizar adaptações cognitivas.

O assimilar e o acomodar têm que ser processados simultaneamente para haver construção do conhecimento. Quando isso acontece, há adaptação mental no sentido de que a mente está então preparada para interpretar os estímulos externos com conteúdos iguais ou semelhantes ao conteúdo apreendido.

Assimilação para FERNANDEZ, “é o movimento do processo de adaptação pelo quais os elementos do ambiente alteram-se para ser incorporados à estrutura do organismo (1991, p.109).”

Já a acomodação, definido pela autora ora em comento, “é o movimento do processo da adaptação pelo qual o organismo altera-se, de acordo com as características do objeto a ser ingerido, segundo FERNÁNDEZ (1991, p.109).”

O ainda segundo FERNANDEZ, sintoma implica em colocar em outro lado, jogar fora, atuar o que não se pode simbolizar, enquanto a simbolização permite ressignificar² e a ressignificação possibilita que a modalidade possa ir se modificando (1991, p.117”).

C*. apresenta um problema de aprendizagem – sintoma, influenciado pela estrutura familiar, em função da dinâmica sócio – afetiva da família, o que a leva a construir uma matriz de aprendizagem que interfere inconscientemente no seu processo de aprender de forma perturbadora e conflitiva.

Para FERNÁNDEZ (1991), aos problemas de aprendizagem – sintoma ou inibição se faz necessário a intervenção psicopedagógica ou psicológica.

5 – ENCAMINHAMENTO

C*. será encaminhada ao psicólogo e ao psicopedagogo para que, juntos a auxiliem a encontrar o caminho do conhecimento, tão desejado pela mesma,

2 A palavra ressignificar tem três sentidos diferentes: a) dar significado diferente; b) reafirmar, voltar a firmar, pôr firma e c) resignar-se, aceitar a realidade.

porém tão pouco usufruído.

6 - CONCLUSÃO

O mundo atual, não oferece ao homem, um ambiente acolhedor e estável, que abrigue suas necessidades afetivas, sendo também um espaço capaz de promover sua subjetividade.

A Psicopedagogia clínica emerge nesse contexto com a função de promover ao mesmo, um resgate desse ambiente tanto no âmbito escolar quanto no familiar.

Tornamos-nos sujeitos no contato com o outro. O estágio proporcionou uma nova visão da realidade encontrada nas múltiplas faces dos problemas de aprendizagem. Normalmente, as crianças que apresentam determinadas dificuldades, são rotuladas e deixas ao encargo de conseguirem trilhar pelo caminho do conhecimento sozinho, afinal não sabemos como lidar com elas.

No decorrer de todo o curso, novos horizontes foram se abrindo, tendo em vista conhecermos a subjetividade de cada um, em especial à luz da psicologia. Isso nos leva ao contato com outro de uma forma diferente, não apenas com nossas primeiras impressões, afinal cada um possui sua história de vida que merece ser conhecida, entendida e apreciada.

Concluo com as palavras de BOSSA (2007 p. 93), “Que rede fantástica de circunstancias externa e internas atua na formação da personalidade e nos desdobramentos advindos desta na relação do sujeito com o mundo.”

7 – BIBLIOGRAFIA

BARBOSA. Laura Monte Serrat. **O foco deve ser na aprendizagem?** In: **Atividades & Experiências**. Curitiba: Positivo, 2006.

BARROS. Rubens . Leitura: a grande travessia da educação. **REVISTA EDUCAÇÃO**. Ano II, nº. 121, 2007, p.30-39.

BENENCI. Roberta. Todas as leituras. **Revista Escola**. Ano XXI, nº. 194, p. 31, agosto/2006.

BOSSA, Nádya A . **A psicopedagogia no Brasil – Contribuições a partir da prática**. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2007.

_____. **Dificuldades de Aprendizagem: o que são? Como tratá-las?** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CAGLIARI. Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 2007.

COUTINHO, Maria Tereza da Cunha. **Psicologia da educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltados para a educação: ênfase na abordagem construtivista**. 7ª edição. Belo Horizonte – MG: Editora Lê, 1999. p. 133-157.

DONNELL, Juan José Conte Mac. **Manual de provas de diagnóstico operatório**. Trad: Simone Carlberg. Revisão: Eliane Mara Alves Chaves. Edição: C.E.M., Buenos Aires, 1994.

FARIA. Fabiana. Lugar de pequenos leitores. **REVISTA ESCOLA**. Ano XXI, p. 114-115, out/2010.

FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada**. 2ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

_____. **A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporeidade e da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FERRARI. Márcio. Bons leitores são bons alunos em qualquer disciplina. **REVISTA ESCOLA**. Ano XX, nº. 180, mar/2005, p. 32.

GURGEL. Thaís. A origem do sucesso e do fracasso escolar. **REVISTA ESCOLA**. Ano XXII, nº. 216, 2008, p.48 e 49.

LEITE. Sergio Antonio da Silva. **Alfabetização e fracasso escolar**. São Paulo:

Edicon.,1988, p. 21.

LIMA, Elvira Souza. Alfabetização: educadores discutem como melhorar o ensino na área. **REVISTA ESCOLA**. Ano XXI, nº. 197, nov/2006, p. 58.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 4ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica. Epistemologia Convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. **Técnicas projetivas psicopedagógicas**. Buenos Aires: Serv g., 1995.

WEISS, M.L.L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ANEXOS

ANEXO I

ANEXO II

ANEXO III

ANEXO IV

ANEXO V

ANEXO VI

ANEXO VII

ANEXO VIII

ANEXO IX

ANEXO X